



88112053



**PORTUGUESE A2 – HIGHER LEVEL – PAPER 1**  
**PORTUGAIS A2 – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1**  
**PORTUGUÉS A2 – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1**

Wednesday 9 November 2011 (morning)  
Mercredi 9 novembre 2011 (matin)  
Miércoles 9 de noviembre de 2011 (mañana)

2 hours / 2 heures / 2 horas

---

**INSTRUCTIONS TO CANDIDATES**

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Section A consists of two passages for comparative commentary.
- Section B consists of two passages for comparative commentary.
- Choose either Section A or Section B. Write one comparative commentary.

**INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS**

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- La section A comporte deux passages à commenter.
- La section B comporte deux passages à commenter.
- Choisissez soit la section A, soit la section B. Écrivez un commentaire comparatif.

**INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS**

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la Sección A hay dos fragmentos para comentar.
- En la Sección B hay dos fragmentos para comentar.
- Elija la Sección A o la Sección B. Escriba un comentario comparativo.

Escolha a Secção A **ou** a Secção B.

## SECÇÃO A

Analise e compare os dois textos seguintes.

Aponte as semelhanças e as diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos.

### Texto 1

Conheci bem Papai em casa, apesar dele ter embarcado pela primeira vez para a América andava eu por cinco anos. Mesmo depois de ausente, ele era uma presença constante na nossa casa. Basta olharmos para a mobília americana, o gramofone, os quadros na parede, para sentirmos Papai assistindo connosco, embora tão longe. Mamãe dizia-nos que Papai não pensava em embarcar:

5 – Não sei como lhe deu aquilo na cabeça...

Foi quando da seca de novecentos e quinze. Os sequeiros não deram nada e no regadio a água quase secou. Ao tempo éramos só dois filhos, eu e Lela, porque Nina, que era depois de mim, morreu com três anos. Mamãe lamentava sempre a morte daquela única filha:

– Hoje, eu teria quem me ajudasse no governo da casa...

10 Quando Papai viu o tempo tão ruim, disse à minha mãe: Maria, eu preciso dar uma ordem na vida. Este tempo não está capaz...

– Ordem de que maneira, criatura?

– Estou pensando em embarcar para a América.

Mamãe quis dissuadi-lo.

15 – Não, menina. Precisamos criar estes meninos. Hortas não estão dando nada.

O grande amigo de Papai era nhô Roberto Tomásia. Nhô Roberto concordou: Eu também, se fosse como você, embarcava, António Manuel... felizmente não tenho filhos...

Baltasar Lopes, *Chiquinho*, Cabo Verde (1947)

## Texto 2

“As chuvas que começaram a cair no arquipélago de Cabo Verde no início deste mês foram saudadas com manifestações de alegria por toda a população e confirmaram a justeza da política de construção de diques para a retenção das terras aráveis arrastadas pelas torrentes” – declarou à Anop\* um informador da Embaixada daquele país em Lisboa. Em algumas ilhas, como S. Nicolau, não chovia há 12 anos. Grande parte dos ribeiros e das fontes estavam secas, começando a faltar até, a água para beber. A vegetação e os animais morriam à míngua de água.

Há três anos, o Governo de Cabo Verde determinou que fossem construídos, nos vales, diques destinados a reter as terras aráveis e as águas arrastadas pelas torrentes que se formam quando chove. Dada a ausência de chuvas, o trabalho de construção de diques, em que se empenhou toda a população, parecia ter sido realizado em vão. Mas as chuvas torrenciais que têm caído nos últimos dias confirmaram o acerto da orientação seguida. Os diques retiveram nos vales as terras aráveis arrastadas pelas correntes que irão ser lavradas e semeadas, contribuindo para minorar o déficit alimentar do arquipélago. Segundo o mesmo informador, na ilha da Boavista encontra-se completamente cheia a albufeira da primeira barragem construída em Cabo Verde e cuja água será utilizada em trabalhos de irrigação. O princípio da água será o fim da imigração?

*Diário Popular, Portugal (1978)*

---

\* Anop: Agência de Notícias de Portugal

**SECÇÃO B**

*Analise e compare os dois textos seguintes.*

*Aponte as semelhanças e as diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos.*

**Texto 3**

É ao som de um ferrinho a bater num cilindro de metal que se iniciam as aulas na nossa escola. Não há o toque da campainha como acontece em todas as escolas de Portugal. A designação oficial da escola é Escola Liceu 12 de Novembro, uma escola secundária, que fica localizada em Becora, um dos bairros de Díli, a capital de Timor Lorosae. Quando em Outubro do ano passado chegámos à nossa escola, para nos apresentarmos ao director e começar a trabalhar, descobrimos que várias famílias timorenses moravam nas instalações, depois de as suas casas terem sido destruídas pelos confrontos no país.

Logo de manhã, às oito horas, o professor começa por ir buscar giz à secretaria e caminhar 3 a 5 minutos até à sua sala de aula, na escola ao lado. A aula começa oficialmente ao som do toque do ferrinho e com a luz natural do dia, pois não há quaisquer instalações eléctricas na escola. Nem sequer existem casas de banho. Os alunos passam a aula de pé, sentados no chão ou nos parapeitos das janelas. O material escolar que possuem é um pequeno caderno para cada disciplina e uma/duas canetas de tinta azul ou preta. No final de cada aula gostam sempre de rezar um Pai-Nosso ou uma Ave-Maria.

No espaço exterior da escola existem bananeiras, milho e mandioca, que são cultivados pelas famílias timorenses e utilizados na culinária. Como é costume, no meio do milho há sempre galinhas a passear com os seus pintos, se não existir também algum cavalo a pastar no meio do terreno. Apesar dos poucos meios que existem dentro das salas de aula, a beleza que há no seu exterior é sempre reconfortante. Nem que seja naqueles segundos que olhamos cá para fora e vemos sempre, tão perto, as montanhas de Timor.

Sofia Martinho, *Carta de Timor para a turma do 8 B.*, Timor (1999 a 2001)

**Texto 4**

Mamãe, quero voltar  
imediatamente.  
Diz a Papai que venha me buscar.  
Não fico aqui, Mamãe, é impossível.  
5 Eu fujo ou não sei não, mas é tão duro  
este infinito espaço ultrafechado.  
Esta montanha aqui eu não entendo.  
Estas caras não são caras de gente.  
Da comida não queixo, é regular,  
10 Mas falta a minha xícara, guardou  
para quando eu voltar?  
Ai Mamãe, minha Mamãe, o travesseiro  
eu ensopei de lágrimas ardentes  
e se durmo é um sonhar de estar em casa  
15 que a sineta corta ao meio feito pão:  
hora de banho madrugadora  
de chuveiro gelado, todo o mundo.  
Nunca tomei banho assim, sou infeliz  
longe de minhas coisas, meu chinelo,  
20 meu sono, só meu, não nesta estepe  
de dormitório que parece um hospital.  
Mamãe o dia passou, mas tão comprido  
que não acaba nunca de passar.  
Um ano à minha frente? Não aguento.  
25 Mas farei o impossível. Me abençoe.  
E faz um frio... A caneta está gelada.  
Não te mando esta carta  
que um padre leria certamente  
e me põe de castigo uma semana  
30 (e nem tenho coragem de escrever).  
Esta carta é só pensada.

Carlos Drummond de Andrade, *A Palavra Mágica*, Brasil (1994)